

QUEDA RECORDE NA BALANÇA DOS EUA

A promessa do presidente Bill Clinton, feita ao assumir o primeiro mandato, em 1993, de negociar acordos de comércio globais para ampliar a exportação de produtos americanos, sofreu um baque no ano passado. As importações cresceram 5%, para US\$ 1,1 trilhão, enquanto as exportações, que vinham crescendo, caíram 1,2% — para US\$ 931,3 bilhões. O resultado foi o maior déficit comercial da história dos Estados Unidos: US\$ 168,59 bilhões, com aumento de 53% em relação a 1997.

A explicação é simples. Por causa de seu excelente desempenho econômico, os americanos, com a moeda mais forte, acabaram comprando produtos mais baratos de países que desvalorizaram suas moedas após a crise financeira asiática. Em contrapartida, isso diminuiu as exportações americanas para o resto do mundo, porque essas mercadorias ficaram mais caras.

O déficit comercial de artigos manufaturados aumentou de US\$ 198 bilhões para o recorde de US\$ 248 bilhões no ano, enquanto o superávit no comércio de serviços caiu de US\$ 88 bilhões para US\$ 79 bilhões. Os Estados Unidos geralmente registram déficit no comércio de mercadorias e superávit no de serviços. Em dezembro, no entanto, o desempenho da balança comercial americana surpreendeu os analistas: o déficit caiu de US\$ 15,26 bilhões, no mês anterior, para US\$ 13,79 bilhões.

A expectativa em Wall Street, principal centro financeiro do país, era de um aumento para US\$ 15,8 bilhões. O mercado financeiro encarou o resultado de dezembro como um bom sinal de recuperação da balança comercial americana. A notícia impulsionou a alta do dólar em relação ao euro e ao iene. A moeda européia atingiu a cotação de US\$ 1,112, a mais baixa desde seu lançamento, em janeiro. O dólar chegou a ser cotado a 120,20 ienes, mas recuou no fim do dia.

COMPLICADORES

Já o Brasil se associou ontem, em Genebra, Suíça, ao painel contra os Estados Unidos movido pela União Européia (UE) na Organização Mundial do Comércio (OMC). Os europeus discordam das acusações feitas pelos EUA de subsídios que teriam sido concedidos pelo governo da Inglaterra na privatização da siderúrgica British Steel, causando a imposição de sobretaxas aos produtos da empresa pelos americanos. Como o aço brasileiro também está sendo sobretaxado pelos EUA pelo mesmo motivo, a idéia é que, caso a decisão da OMC seja favorável à UE, o Brasil saia beneficiado.

Paralelamente, o governo brasileiro espera uma resposta do Departamento de Comércio americano à proposta feita pelo ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, no último 15, de restrição voluntária das exportações brasileiras, visando à suspensão das tarifas antidumping sobre os aços laminados quentes produzidos pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Cosipa e Usiminas. A posição dos EUA será conhecida em 30 dias, segundo o diretor-geral do Departamento Econômico do Itamaraty, embaixador Valdemar Carneiro Leão.